

## A SEMANA – 114

John Gledson

Esta crônica famosa quase não precisa de introdução. Na sua antologia de 1914, Mário de Alencar deu-lhe o título de “O punhal de Martinha”, pelo qual ainda é conhecida. No ensaio “Leituras em competição”, o primeiro do seu livro intitulado, justamente, *Martinha versus Lucrecia* (2012), Roberto Schwarz faz uma interpretação dela, focalizando a sua “universalidade moderna”.

Na antologia de Mário de Alencar, a crônica se encontra nas p. 143-147. Ele junta os três parágrafos iniciais num só.



## A SEMANA

5 de agosto de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Quereis ver o que são destinos? Escutai.

Ultrajada por Sexto Tarquínio, uma noite, Lucrecia resolve não sobreviver à desonra, mas primeiro denuncia ao marido e ao pai a aleivosia daquele hóspede, e pedelhes que a vinguem. Eles juram vingá-la, e procuram tirá-la da aflição dizendo-lhe que só a alma é culpada, não o corpo, e que não há crime onde não houve aquiescência. A honesta moça fecha os ouvidos à consolação e ao raciocínio, e, sacando o punhal que trazia escondido, embebe-o no peito e morre.

Esse punhal podia ter ficado no peito da heroína, sem que ninguém mais soubesse dele; mas, arrancado por Bruto, serviu de lábaro à revolução que fez baquear a realeza e passou o governo à aristocracia romana.<sup>1</sup> Tanto bastou para que Tito Lívio lhe desse um lugar de honra na história, entre enérgicos discursos de vingança.<sup>2</sup> O punhal ficou sendo clássico. Pelo duplo caráter de arma doméstica e pública, serve tanto a exaltar a virtude conjugal, como a dar força e luz à eloquência política.

Bem sei que Roma não é a Cachoeira, nem as gazetas dessa cidade baiana podem competir com historiadores de gênio. Mas é isso mesmo que deploro. Essa parcialidade dos tempos, que só recolhem, conservam e transmitem as ações encomendadas nos bons livros, é que me entristece, para não dizer que me indigna. Cachoeira não é Roma, mas o punhal de Lucrecia, por mais digno que seja dos enômios do mundo, não ocupa tanto lugar na história, que não fique um canto para o

---

<sup>1</sup> Não deixa de ser curioso que Machado diga que o estupro de Lucrecia “fez baquear a *realeza* e passou o governo à *aristocracia* romana”. Na história romana de Tito Lívio, as duas palavras grifadas seriam “monarquia” e “república”. Em parte, isto é descrição necessária. Em parte, porém, bem pode ser uma alusão crítica discreta, pois Machado sabia que a república brasileira era de fato (como a romana) uma aristocracia (ver a crônica de 11 de maio de 1888, de “Bons Dias!”).

<sup>2</sup> A história de Lucrecia aparece no fim do primeiro capítulo de *Ab urbe condita libri* (A história de Roma desde a sua fundação) de Tito Lívio (59 a.C.-17 d.C.), com os detalhes que Machado conta. Colatino é o marido de Lucrecia, e Bruto o fundador da República romana. Era sabido que os grandes historiadores da Antiguidade inventavam sem pestanejar estes “discursos enérgicos”.

punhal de Martinha. Entretanto, vereis que esta pobre arma vai ser consumida pela ferrugem da obscuridade.

Martinha não é certamente Lucrecia. Parece-me até, se bem entendo uma expressão do jornal *A Ordem*, que é exatamente o contrário.<sup>3</sup> “Martinha (diz ele) é uma rapariga franzina, moderna ainda, e muito conhecida nesta cidade, de onde é natural.” Se é moça, se é natural da Cachoeira, onde é muito conhecida, que quer dizer *moderna*? Naturalmente quer dizer que faz parte da última leva de Citera.<sup>4</sup> Esta condição, em vez de prejudicar o paralelo dos punhais, dá-lhe maior realce, como ides ver. Por outro lado, convém notar que, se há contraste das perdas,<sup>5</sup> há uma coincidência de lugar: Martinha mora na rua do Pagão, nome que faz lembrar a religião da esposa de Colatino.<sup>6</sup>

As circunstâncias dos dois atos são diversas. Martinha não deu hospedagem a nenhum moço de sangue régio ou de outra qualidade. Andava a passeio, à noite, um domingo do mês passado. O Sexto Tarquínio da localidade, cristãmente chamado João, com o sobrenome de Limeira, agrediu e insultou a moça, irritado naturalmente com os seus desdêns. Martinha recolheu-se a casa.<sup>7</sup> Nova agressão, à porta. Martinha, indignada, mas ainda prudente, disse ao importuno: “Não se aproxime, que eu lhe furo.” João Limeira aproximou-se, ela deu-lhe uma punhalada, que o matou instantaneamente.

Talvez esperásseis que ela se matasse a si própria. Esperaríeis o impossível, e mostraríeis que me não entendestes. A diferença das duas ações é justamente a que vai do suicídio ao homicídio. A romana confia a vingança ao marido e ao pai. A cachoeirense vinga-se por si própria, e, notai bem, vinga-se de uma simples intenção. As pessoas são desiguais, mas força é dizer que a ação da primeira não é mais corajosa que a da segunda, sendo que esta cede a tal ou qual sutileza de motivos, natural deste século complicado.

Isto posto, em que é que o punhal de Martinha é inferior ao de Lucrecia? Nem é inferior, mas até certo ponto é superior. Martinha não profere uma frase de Tito Lívio, não vai a João de Barros, alcunhado o Tito Lívio português, nem ao nosso João

---

<sup>3</sup> *A Ordem* foi o jornal mais importante do Recôncavo baiano durante muitos anos – é possível que Machado tenha lido a notícia no próprio jornal, ou que tenha sido transcrita num dos jornais cariocas. Devo ao prof. Péricles Diniz, da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, muita informação sobre ele: talvez ainda seja possível localizar a notícia, o que seria no mínimo curioso.

<sup>4</sup> Citera é a ilha do amor, na mitologia grega.

<sup>5</sup> Assim no jornal. Em Mário de Alencar, Aurélio (e em todas as várias reproduções posteriores) está “pessoas”. Parece-nos que a leitura do jornal é a boa: Lucrecia, inocente, perdeu a vida; quem a perdeu no caso de Martinha foi o culpado, o agressor. A versão do jornal é mais significativa e densa, mais uma razão para aceitá-la.

<sup>6</sup> Mário de Alencar une este parágrafo ao seguinte.

<sup>7</sup> Na *Gazeta*, “à casa”, leitura seguida por Mário de Alencar e Aurélio. Este último, porém, nota que é provavelmente erro de revisão, pois Machado, “fiel à boa norma, não costuma, neste caso, pôr acento no *a*.” Seguindo o nosso critério exposto em “O texto” (neste número da *Machadiana Eletrônica*), corrigimos segundo o que seria a intenção do autor.

Francisco Lisboa, grande escritor de igual valia.<sup>8</sup> Não quer sanefas literárias, não ensaia atitudes de tragédia, não faz daqueles gestos oratórios que a história antiga põe nos seus personagens. Não; ela diz simplesmente e incorretamente: “Não se aproxime, que eu lhe furo.” A palmatória dos gramáticos pode punir essa expressão; não importa, o *eu lhe furo* traz um valor natal e popular, que vale por todas as belas frases de Lucrecia. E depois, que tocante<sup>9</sup> eufemismo! Furar por matar; não sei se Martinha inventou esta aplicação; mas, fosse ela ou outra a autora, é um achado do povo, que não manuseia tratados de retórica, e sabe às vezes mais que os retóricos de ofício.

Com tudo isso, arrojo de ação, defesa própria, simplicidade de palavra, Martinha não verá o seu punhal no mesmo feixe de armas que os tempos resguardam da ferrugem. O punhal de Carlota Corday, o de Ravailiac, o de Booth,<sup>10</sup> todos esses e ainda outros farão cortejo ao punhal de Lucrecia, luzidios e prontos para a tribuna, para a dissertação, para a palestra. O de Martinha irá rio abaixo do esquecimento. Tais são as coisas deste mundo! Tal é a desigualdade dos destinos!

Se, ao menos, o punhal de Lucrecia tivesse existido, vá; mas tal arma, nem tal ação, nem tal injúria, existiram jamais, é tudo uma pura lenda, que a história meteu nos seus livros.<sup>11</sup> A mentira usurpa assim a coroa da verdade, e o punhal de Martinha, que existiu e existe, não logrará ocupar um lugarzinho ao pé do de Lucrecia, pura ficção. Não quero mal às ficções, amo-as, acredito nelas, acho-as preferíveis às realidades; nem por isso deixo de filosofar sobre o destino das coisas tangíveis em comparação com as imaginárias. Grande sabedoria é inventar um pássaro sem asas, descrevê-lo, fazê-lo ver a todos, e acabar acreditando que não há pássaros com asas... Mas não falemos mais em Martinha.



---

<sup>8</sup> João de Barros (1496-1570), autor das *Décadas da Ásia*, história da expansão portuguesa; e João Francisco Lisboa (1812-1863), escritor maranhense, que no seu *Jornal de Timon* defendeu ideias liberais. Entre outras coisas, atacou o historiador quase oficial do Brasil, Francisco Adolfo de Varnhagen.

<sup>9</sup> Na *Gazeta*, está “ocante”, que Mário de Alencar e Aurélio corrigem.

<sup>10</sup> Charlotte Corday, que matou Jean-Paul Marat, o líder revolucionário francês, em 1793 (célebre em parte por um famoso quadro de David, de Marat morto na banheira); François Ravailiac, que matou o rei Henri IV da França, em 1610; e John Wilkes Booth, o assassino do Presidente Abraham Lincoln em 1865.

<sup>11</sup> No séc. XIX, houve uma série de “desmitificações” dos grandes mitos da história e da religião. Entre eles, a *História de Roma* de Theodor Mommsen (que Machado possuía) desmantela as histórias da fundação da cidade e da república romana.